A Alavanca Althusseriana

Mapeamento Cognitivo entre Sellars, Jameson e Althusser

J.-P. Caron

Resumo

O ensaio desenvolve os modos pelos quais a racionalidade normativa, tal como delineada por Wilfrid Sellars, é estriada pelo espaço externo da reprodução capitalista, conforme descrito através do conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado de Louis Althusser. Isso é feito tendo em vista o problema do Mapeamento Cognitivo, proposto por Fredric Jameson, e as tensões que esse conceito gera entre ciência e ideologia althusserianas. Essa distinção é utilizada como contraponto à distinção sellarsiana entre as imagens científica e manifesta, cujos recursos são mobilizados sobre a distinção althusseriana na tentativa de construir uma alavanca racional com a qual descrever e intervir nos modos pelos quais a reprodução do capitalismo fragmenta e desarticula o espaço das razões.

Palavras-chave: Normatividade; Ideologia, Mapeamento Cognitivo.

Abstract

The essay develops the ways in which normative rationality as depicted by Wilfrid Sellars is striated by the external space of capitalist reproduction as described through Louis Althusser's concept of the Ideological State Apparatuses. This is done with an eye to the problem of Cognitive Mapping as proposed by Fredric Jameson, and the tensions this concept generates between Althusserian *science* and *ideology*. This distinction is used as foil to the Sellarsian distinction between the scientific and the manifest images, the resources of which are brought to bear on the Althusserian distinction in the attempt to construct a *rational lever* with which to describe and intervene in the ways capitalism's reproduction fragment and disjoint the space of reasons.

Key-words: Normativity; Ideology; Cognitive mapping.

I. **Uma história de duas imagens (a dualidade Sellarsiana)**

É bem conhecido que Sellars, em seu seminal artigo "A Filosofia e a Imagem Científica do Homem" distingue duas imagens diferentes do que ele chama de homem-no-mundo ("man-in-the-world"). De um lado, pode-se reconhecer os componentes da concepção do senso comum de nós mesmos como criaturas de hábito e razão, sujeitos auto-determinados usuários de conceitos e capazes

de deliberação racional e seguimento de regras, vivendo num mundo de objetos molares. Esta é a "imagem manifesta". Do outro lado, reconhecemos os resultados da ciência moderna em meados do século XX, com sua visão "particulada" da realidade onde não há lugar para uma criatura racional autodeterminada e obediente a normas. Isso constituiu para Sellars a "imagem científica" emergente em um momento determinado. Mas, ainda que a imagem científica não tenha lugar para uma criatura obediente a normas, ela é fundamentalmente dependente dos recursos dessa própria normatividade oriunda da imagem manifesta. Como diz Sellars:

> O ponto essencial é que, ao caracterizar um episódio ou um estado como sendo de conhecimento, não estamos dando uma descrição empírica desse episódio ou estado; estamos colocando-o no espaço lógico das razões, de justificar e ser capaz de justificar o que se diz.[820]

Isso significa que um episódio de conhecimento é classificado como conhecimento desde que entre numa cadeia justificatória: sua expressão linguística pode funcionar como premissa ou conclusão de inferências. O que implica que o conhecimento é aqui fundamentalmente normativo. Não é o contato perceptual ou a experiência sensível que, de alguma forma, "transmitiria" determinações lógicas e categoriais diretamente à mente. Mas se o conhecimento é dependente de *normas* que codificam as transições entre premissas e conclusões em inferências, não é algo simplesmente *dado*, mas articulado entre outros conteúdos normativamente conectados.

Também é bem conhecido o que a literatura vem chamando de princípio da "scientia mensura", afirmado mais claramente em "Empirismo e Filosofia da Mente": "Na dimensão de descrição e explicação do mundo, a ciência é a medida de todas as coisas, do que é, que é, e do que não é, que não é."[821]

Considerados em conjunto, como fez Robert Brandom[822], essas duas passagens mais famosas do cânone sellarsiano nos oferecem um dilema que tem alimentado muitos projetos a partir da influência de Sellars. Elas oferecem um equilíbrio precário entre os recursos de nossa linguagem normativamente articulada, cujo exercício é bem compreendido dentro do quadro da imagem manifesta, e aquilo que é descoberto através dos procedimentos "postulacionais" próprios da ciência natural como Sellars a entende. Historicamente a montante dessas duas imagens concorrentes, Sellars menciona uma imagem "original", composta basicamente de "pessoas" – no sentido de que todo objeto natural nela seria considerado como *agindo em caráter*, como tendo uma intenção.

[820] Sellars, 2008, § 36.
[821] Sellars, 2008, § 41
[822] Ver Brandom, 2014

> Pois o que quero dizer com imagem manifesta é um refinamento ou sofisticação do que poderia ser chamado de imagem 'original'; um refinamento até um grau que a torna relevante para a cena intelectual contemporânea. Esse refinamento ou sofisticação pode ser interpretado sob dois títulos; (a) empírico; (b) categorial. Por refinamento empírico, quero dizer o tipo de refinamento que opera dentro do quadro da imagem e que, ao abordar o mundo em termos de algo como os cânones da inferência indutiva definidos por John Stuart Mill, suplementados por cânones de inferência estatística, adiciona e subtrai conteúdos do mundo como experienciado em termos deste quadro e das correlações que se acredita existirem entre eles. (...) Há, no entanto, um tipo de raciocínio científico que ela, por estipulação, não inclui, nomeadamente aquele que envolve a postulação de entidades imperceptíveis, e princípios a elas pertencentes, para explicar o comportamento de coisas perceptíveis.[823]

Assim, enquanto a 'imagem manifesta' se refina categorialmente através da assunção de passes de inferência indutiva ("inductive inference tickets", como diria Gilbert Ryle) entre pedaços de conteúdo 'experienciado' – atribuindo-lhes 'propriedades modais' que licenciariam essas inferências (falaremos um pouco mais sobre isso na seção IV do presente ensaio), a 'imagem científica' é constituída também, e além daqueles, através da postulação de entidades fora do reino do imediatamente experienciável[824], com vistas ao máximo ganho explicativo.

Mas sob o empuxo do poder explicativo ganho, corremos o risco de perder o próprio vocabulário que possibilitou o surgimento de tal imagem: inferência, indução, norma, razão. Essa dualidade nos encurrala entre preservar o ponto de vista *a partir do qual* as explicações científicas surgem (ou seja, a imagem manifesta) ou manter a valência 'verdadeira' *daquilo que é descoberto* através desses procedimentos postulacionais e que, se tomado como verdadeiro, significaria a própria dissolução daquele que faz a postulação: a imagem científica em sua constituição na época do ensaio de Sellars. Isto é, se tomado como verdadeiro, o princípio da *scientia mensura* nos obrigaria a de alguma forma reduzir os princípios normativos que guiaram sua formação aos recursos disponíveis do ponto de vista exclusivo da imagem científica no estágio atual.

---

[823] For what I mean by the manifest image is a refinement or sophistication of what might be called the 'original' image; a refinement to a degree which makes it relevant to the contemporary intellectual scene. This refinement or sophistication can be construed under two headings; (a) empirical; (b) categorial. By empirical refinement, I mean the sort of refinement which operates within the broad framework of the image and which, by approaching the world in terms of something like the canons of inductive inference defined by John Stuart Mill, supplemented by canons of statistical inference, adds to and subtracts from the contents of the world as experienced in terms of this framework and from the correlations which are believed to obtain between them. (…) There is, however, one type of scientific reasoning which it, by stipulation, does not include, namely that which involves the postulation of imperceptible entities, and principles pertaining to them, to explain the behaviour of perceptible things (Sellars, 2007, p. 375)

[824] Aqui, "imediato" deve ser entendido ou como resultado da constituição física do sujeito do conhecimento, seus sensores e capacidades inatas, ou como produto de refinamentos categóricos desenvolvidos historicamente — que se tornam segunda natureza e são, portanto, "imediatos" do ponto de vista daquele que conhece, sem serem imediatos no sentido de dados.

Podemos ler a história dos descendentes de Sellars a partir desse desequilíbrio, oscilando entre o desenvolvimento dos protocolos racionais da imagem manifesta, como se entende geralmente *o sellarsianismo de esquerda*, e a redução desses protocolos racionais conforme os resultados obtidos na prática científica a partir da imagem científica constituída – o que chamamos de *sellarsianismo de direita*. O próprio Sellars, como é também bem conhecido, defendeu a constituição de uma *imagem estereoscópica* onde ambas as imagens pudessem ser acomodadas sem prejuízo da verdade última da imagem científica. Esta solução ainda está por ser encontrada, e ao longo dos anos, temos oscilado e tentado combinar irenicamente ambas as imagens.

No que se segue, não defenderemos uma solução para este problema, mas faremos o espaço de problemas definido por Sellars incidir sobre um conjunto diferente de questões, conectado a um pensador que apresenta sobreposições surpreendentes com Sellars, nomeadamente Louis Althusser. Mas faremos isso tendo sob a vista um problema particular que decorre da influência deste último sobre um terceiro pensador, Fredric Jameson.

II. Sobre mapas cognitivos

Numa palestra proferida em 1983 na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, Fredric Jameson oferece uma visão do problema que pretendo abordar.

> Os problemas da figuração que nos interessam aqui (...) podem ser concebidos considerando-se a crescente contradição entre experiência vivida e estrutura; ou entre descrição fenomenológica da vida de um indivíduo e um modelo propriamente estrutural das condições de existência dessa experiência. Resumidamente podemos dizer que, enquanto em outras sociedades, e talvez até nos estágios anteriores do capital de mercado, a experiência imediata e limitada dos indivíduos ainda é capaz de abarcar e coincidir com a verdadeira forma econômica e social que governa aquela experiência, no momento seguinte esses dois níveis se afastam progressivamente e realmente começam a constituir aquela oposição que a dialética clássica descreve como *Wesen* e *Erscheinung*, essência e aparência, estrutura e experiência vivida.[825]

Aqui Jameson aponta para um tipo diferente de desequilíbrio daquele que discutimos em Sellars. Se neste último, o desequilíbrio se dá entre os recursos lógicos disponíveis do ponto de vista de cada imagem e o problema premente da falta de um "sujeito" da teoria dentro da imagem científica, aqui o desequilíbrio não é o mesmo, embora possa ter uma analogia estrutural na ruptura entre, de um lado, a experiência individual e a estrutura do mundo e de outro, a ruptura do dito sujeito da imagem

[825] Jameson, "Mapeamento Cognitivo", tradução de Gabriel Tupinambá e Luisa Marques http://revistaportoalegre.com/mapeamento-cognitivo/

manifesta e a imagem científica. Mas no caso de Jameson é aqui uma diferença de *escala* que pede o que Jameson chama de *mapeamento cognitivo* – uma maneira de tornar manifesta ao sujeito cognitivo a magnitude e a estrutura do capitalismo contemporâneo em suas cadeias produtivas, processos financeiros e ligações estruturais-causais.

O termo *mapa cognitivo* foi usado pela primeira vez em 1948 por Edward Chace Tolman no artigo "Cognitive maps in rats and men"[826]. Seu ponto principal é, como Carl Sachs coloca, que "a aprendizagem animal não pode ser explicada exclusivamente através de associações produzidas por recompensa. Em vez disso, [Tolman} argumentou, precisamos pensar nos animais como tendo um modelo semelhante a um mapa de seus ambientes que testam contra a experiência e revisam conforme necessário para alcançar seus objetivos e satisfazer suas necessidades. O comportamento animal não é apenas propositado (como Tolman argumentou em seu texto de 1932), mas genuinamente cognitivo."[827] O entendimento de Tolman já oferece esta noção como um problema de localização de um agente cognitivo, um "conhecedor" de algum tipo dentro de seu ambiente, e as maneiras como suas saliências são reconstruídas pedaço por pedaço a partir dos procedimentos de tentativa e erro por parte deste agente cognitivo.

Embora a noção de um mapa cognitivo tenha sua origem no trabalho de Tolman, que veio a ter influência sobre Sellars, no sentido usado ao longo deste ensaio ela será usada principalmente à maneira como Fredric Jameson a usa, como uma extrapolação não de Tolman, mas de Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade*[828], "já que o mapa mental do espaço da cidade explorado por Lynch pode ser extrapolado para o mapa mental da totalidade social e global que todos carregamos por aí em nossas cabeças de várias formas truncadas."[829]

> Fico tentado a descrever o modo como entendo esse conceito como uma espécie de síntese entre Althusser e Kevin Lynch – uma formulação que, certamente, não diz muito se vocês não souberem que Lynch é o autor do clássico *A imagem da cidade*, livro que deu origem a toda uma subdisciplina rebaixada que hoje tem a frase "mapeamento cognitivo" como sua designação. [830]

Como já exposto brevemente nesta rápida introdução, encontramos três conceitos diferentes de mapa cognitivo: o processo epistêmico pelo qual se obtém compreensão do ambiente por um agente

[826] Tolman, 1948
[827] "animal learning cannot be explained exclusively through reward-driven associations. Rather, he argued, we need to think of animals as having a map-like model of their environments that they are testing against experience and revising as necessary in order to achieve their goals and satisfy their needs. Animal behavior is not only purposive (as Tolman argued in his 1932 text) but genuinely cognitive." Sachs 2022, 103
[828] Lynch, 2011
[829] Jameson, *idem*.
[830] *Idem*

cognitivo através de suas saliências perceptuais e procedimentos de tentativa e erro (Tolman); o mapa mental singular construído por cada habitante de um ambiente urbano (o adjetivo "singular" é aqui importante, pois Lynch enfatiza em seu relato o caráter heurístico do processo de criação do mapa, o que significa que diferentes detalhes contam diferentemente para cada habitante da cidade criando o mapa); o mapa mental da totalidade social e global que carregamos em nossas cabeças (Jameson).

A diferença de escala entre o conceito psicológico de um mapa cognitivo em Tolman, que está na origem da apropriação Sellarsiana, pode estar em desacordo com a apropriação Jamesoniana do conceito Lynchiano, direcionado para a localização de alguém no todo social e cultural. Mas mais importante aqui, a diferença entre *a localização de um agente dentro de um quadro de referência* (conforme o conceito de mapeamento cognitivo conectado ao problema da **ideologia** em Althusser) e a *constituição do próprio quadro* (o problema das imagens em Sellars e da **ciência** em Althusser) deve ser enfatizada, bem como os entendimentos específicos dos respectivos autores sobre esses problemas. Crucial para isso seria a questão do ponto mediador, *a alavanca*, entre ciência e ideologia, em dois sentidos: como o ponto a partir do qual o conhecimento da estrutura é obtido, e como o ponto a partir do qual a *práxis* pode e deve se seguir no que diz respeito à mudança dessa estrutura. Vejamos isto a partir primeiramente do conceito de ciência para Althusser.

III. A imagem científica de Althusser

> Compreender esta identidade necessária e paradoxal de não-visão e visão dentro da própria visão é colocar nosso problema muito precisamente (o problema da relação necessária que une o visível e o invisível), e colocá-lo adequadamente é nos dar uma chance de resolvê-lo.[831]

Althusser alude aqui à sua meticulosa apresentação sobre como o método de Marx de crítica da economia política é extraído de um conjunto anterior de compromissos que constituíam o espaço da economia política clássica. No entendimento de Althusser (e da escola althusseriana) das obras maduras de Marx, estas são o resultado de uma "ruptura epistemológica" com o pensamento econômico anterior, constituindo assim um espaço de problemas outro – o que eles denominam uma "problemática" diferente. Portanto, o problema da *visibilidade* aparece dentro desta discussão como aquilo que, embora a princípio disponível ao discurso da economia clássica, teria estado escondido à

[831] Comprendre celte identité nécessaire et paradoxale du non-voir et du voir dans le voir même, c'est très exactement poser notre problème (celui de la relation nécessaire qui unit le visible et l'invisible), et bicn le poser, c'est se donner chance de le résoudre. Althusser et al, 1973 p. 20 Tradução do autor.

vista de todos, para só eventualmente ser apreendido pela análise marxiana do Capital assim que o próprio horizonte teórico onde a economia política se movia começou a mudar.

Aqui nosso problema começa a se desdobrar em suas dimensões próprias. Viemos ensaiando a problemática de Sellars da constituição de diferentes imagens do homem-no-mundo, em conjunto com os problemas de mapeamento cognitivo como Jameson propõe. Mas isso não com o objetivo de identificar as duas instâncias, muito pelo contrário. Primeiro, devemos diferenciar entre a função *ideológica* da localização embutida no mapeamento cognitivo segundo Jameson, e a explicação *científica* do próprio mapa; uma distinção codificada no par althusseriano de ciência e ideologia.

Um bom lugar para entender a distinção de Althusser é em seu "Sobre a dialética materialista", publicado em *Por Marx* em 1968. Lá, Althusser oferece seu conceito de "Prática Teórica" como o gênero do qual a ciência emerge como espécie, dentro de uma dialética entre ideologia e ciência constituída por rupturas desta última com conceitos ideológicos anteriores. O quadro oferecido é um que pretende criticar o que em *Ler o Capital* Althusser chama de "teoria empirista do conhecimento". "A concepção empirista do conhecimento apresenta um processo que ocorre entre um objeto dado e um sujeito dado".[832] Althusser entende este processo como aquele que ocorre entre um sujeito e um objeto dentro de um contato direto entre eles, que produz um processo de abstração efetivado pela mente. "A abstração empirista, que abstrai a essência do objeto *real* dado, é uma *abstração real*, deixando o sujeito de posse da essência *real*."[833] Deixando de lado por hora *Ler o Capital* e retornando a "Sobre a dialética materialista", vemos Althusser, como Sellars, elaborando sua própria crítica do Dado, sustentando que "conceitos científicos" são elaborados não a partir da experiência direta, mas a partir de conceitos científicos ou ideológicos anteriores. Isto é a Prática Teórica.

> Quando uma ciência, já constituída, se desenvolve, ela trabalha então sobre uma matéria-prima (Generalidade I) constituída quer de conceitos ainda ideológicos, quer de "fatos" científicos, quer de conceitos já elaborados cientificamente, mas pertencendo a um estágio anterior da ciência (uma ex-Generalidade III). Portanto, é transformando essa Generalidade I em Generalidade III (conhecimento) que a ciência trabalha e produz.[834]

A constituição de novos conceitos científicos, então, não apenas parte das matérias-primas de um conjunto anterior de *generalidades* (Generalidade I), mas também faz uso dos materiais de ponta da prática científica ou ideológica contemporânea (Generalidade II) para constituir conceitos mais

[832] La conception empiriste de la connaissance met en scène un procès qui se passe entre un objet donné et un sujet donné. (*idem* p. 39) tradução própria
[833] L'abstraction empiriste, qui extrait de l'objet *réel* donné son essence, est une *abstraction réelle,* qui met le sujet en possession de l'essence *réelle.* (*Idem ibidem*) tradução própria.
[834] Althusser. *Por Marx*, pp. 149-50

adequados à estrutura dos objetos a serem examinado (Generalidade III). Althusser enfatiza nas consequências de sua interpretação o fato de que *o objeto de conhecimento não é "uma parte" do objeto real* como no quadro empirista, como uma "essência" persistindo atrás do véu de sua "aparência", mas é um novo objeto, constituído dentro da Prática Teórica e existindo inteiramente dentro do conhecimento ou pensamento.

> [...] o trabalho que faz passar da Generalidade I à Generalidade III, ou seja, se feita abstração das diferenças essenciais que distinguem Generalidade I e Generalidade III, do " abstrato" ao " concreto" , diz respeito somente ao processo da prática teórica, ou seja, ocorre inteiramente "no conhecimento"[835]

Interessante notar aqui a similaridade estrutural entre os relatos de Althusser e Sellars da prática científica. Ambos são críticos do Dado, no sentido de objetos de experiência direta que seriam capazes de produzir um conceito ou categoria intrínseco ao objeto diretamente ao conhecimento; ambos sustentam a existência histórica de conjuntos constituídos de recursos teóricos que, em algum sentido, oferecem explicações supostamente completas em suas épocas, ainda que menos adequadas do ponto de vista da contemporaneidade; ambos entendem o caráter processual do empreendimento científico como uma transformação de materiais pertencentes a "imagens" ou "generalidades" anteriores. Mas ambos os quadros também carregam um preço, que é o aparente divórcio entre conceito e fato, entre o objeto teórico que aparece dentro de um quadro e o objeto real a ser capturado por sua contraparte teórica.

> Enquanto o processo de produção de um objeto real, de uma totalidade concreta-real (por exemplo, uma nação histórica dada), ocorre inteiramente no real e se efetua segundo a ordem real da gênese real (a ordem de sucessão dos momentos da gênese histórica), o processo de produção do objeto do conhecimento ocorre inteiramente no conhecimento e se efetua segundo uma outra ordem, na qual as categorias pensadas que "reproduzem" as categorias "reais" não ocupam o mesmo lugar que na ordem da gênese histórica real, mas lugares totalmente diferentes, que lhes são atribuídos por sua função no processo de produção do objeto do conhecimento.[836]

[835] *Idem, p. 150*

[836] Alors que le processus de production de tel objet réel, de telle totalité concrète-réelle (par exem pIe une nation historique donnée), se passe tout entier dans le réel, et s'effectue selon l'ordre réel de la genèse *réelle* (l'ordre de succession des moments de la genèse *historique),* le processus de production de l'objet de la connaissance se passe tout entier dans la connaissance, et s'effectue selon *un autre ordre,* où les catégories pensées qui "reproduisent") les catégories "réelles") n'occurent *pas la même* place que dans l'ordre de la genèse historique réelle, mais des places toutes différentes qui leur sont assignées par leur fonction dans le processus de production de l'objet de la connaissance. (*Lire le Capital*. Pp. 47-8)

Qual é a natureza da conexão entre aquilo que aparece dentro da prática teórica e/ou do espaço das razões, e aquilo que se supõe que descreva?[837]

Minha aposta é que, apesar dos problemas similares que ambas as filosofias têm, a alternativa Sellarsiana carrega sorrateiramente consigo uma resposta que, a princípio, não está diretamente disponível à Althusseriana. O resto desta apresentação preencherá as lacunas. E ao fazê-lo, os diferentes papéis da ciência e da ideologia para o mapeamento cognitivo poderão ser ato contínuo iluminados.

IV. Sobre *figurações de mundo* (o mapa cognitivo de Sellars)[838]

Em "Some reflections on language games", Sellars recupera o dito "paradoxo de Wittgenstein" sobre o seguimento de regras.[839] Se a linguagem é um sistema governado por regras, seríamos capazes de aprender uma língua se aprendêssemos as regras para essa língua. Mas então as regras teriam que ser comunicadas por uma segunda língua, uma metalinguagem, e as regras para esta língua por uma meta-metalinguagem, e assim por diante. Robert Brandom qualifica isso como *regulismo* sobre regras: regras são equivalentes a máximas que afirmam explicitamente o que deve ser feito – uma concepção que implica que para cada máxima seria necessária outra afirmando as condições de aplicação da máxima anterior. O segundo ramo interpretativo sobre regras mencionado por Brandom em seu comentário é chamado *regularismo*, e identifica uma regra com uma regularidade ou disposição para fazer uma certa coisa numa certa situação. O problema com essa concepção de regra é que não se poderia diferenciar entre uma maneira correta e uma incorreta de proceder, uma vez que regularidades

[837] Uma maneira de resolver esse problema tem sido explorar a hipótese da abstração real, tal como aparece em vários autores, particularmente em Alfred Sohn-Rethel.
Dentre os engajamentos recentes com a teoria da abstração real, vale citar o livro de Conrad Hamilton, no prelo, *Marxism contra subjectivity*; a seção XII do "Atlas of experimental politics", do *Subset of Theoretical Practice* [Subconjunto da Prática Teórica], disponível em https://www.sum.si/journal-articles/atlas-of-experimental-politics , que foi mais desenvolvida no texto de Caron, "Real Abstraction and the Given", a ser publicado em *The Conscious Core of the Commodity: Essays on Real Abstraction*, e publicado em português em um número desta mesma revista *Crise e Crítica*. https://criseecritica.com/wp-content/uploads/2023/06/08.2023.CRISE-E-CRITICA-A-ABSTRACAO-REAL-E-O-DADO.pdf
Neste último é também lembrado o debate histórico levantado por J.A. Giannotti contra as posições althusserianas em seu ensaio "Contra Althusser", de 1967, que tinha por cerne a polêmica com relação à posição da abstração no pensamento marxiano.
Também neste número de *Crise e Crítica*, o texto de Kussumi, Moscardi *et al*, "A divisão da divisão do trabalho" se engaja extensivamente com o pensamento de Sohn-Rethel.

[838] Uma dificuldade de tradução para o português do pensamento de Sellars é a distinção de "image", como aparece em "images of man in the world", e "picture", como aparece no conceito de "world pictures". Optamos pela tradução algo elaborada "figurações de mundo" para manter a conexão genética do conceito Sellarsiano com o pensamento de Wittgenstein no *Tractatus logico-philosophicus*, segundo a qual a proposição verdadeira "afigura" um estado de coisas atual.

[839] Wittgenstein, 2022, § 201.

não são certas ou erradas, elas meramente são. O paradoxo de Wittgenstein constitui-se nesta oscilação nas maneiras de entender a regra, que torna difícil compreender como de fato se chega à aplicação.

Enquanto Brandom tem sua própria solução para a dificuldade, Sellars oferece uma saída na distinção entre comportamento governado por padrão [*pattern-governed behavior*] e comportamento obediente a norma [*norm-obedient behavior*].

> O comportamento governado por padrão exemplifica um padrão abstrato ou uma parte de um padrão, não como uma instância de uma lei causal nem como mero acaso nem como resultado da obediência autoconsciente a uma regra. Este tipo de comportamento complexo não pode ser individuado exceto em termos de seu lugar dentro de um padrão abstrato. O exemplo favorito de Sellars de comportamento governado por padrão é a dança de uma abelha que comunica a localização de um campo de flores portadoras de néctar. Os movimentos particulares da abelha são parte de uma dança complexa, não acidentalmente, mas essencialmente – eles são executados porque são parte da dança. Mas isso é feito sem uma concepção da dança, sem um conjunto de instruções de como executá-la.[840]

Esta categoria será essencial ao final deste ensaio na compreensão da concepção Althusseriana de ideologia e a maneira como tem sido interpretada por outros. Por agora, o que devemos ter em mente é a dimensão causal da constituição do padrão que está implícita na categoria Sellarsiana, e os recursos que são convocados do ponto de vista do uso da *linguagem obediente a norma* para *descrever* esses padrões. Estamos no coração da questão.

Sellars distingue ainda entre tipos de transições no jogo da linguagem plenamente desenvolvida, aquela capaz de descrição científica. Além das transições de entrada na linguagem [*language-entry transitions*], que são tipicamente percepções de objetos fora da linguagem; e transições de saída da linguagem [*language-exit transitions*], que são tipicamente ações no mundo além do pensamento e da fala; há transições intralinguagem [*intralanguage transitions*], que são inferências – aquele tipo de movimento que efetua conexões permissíveis entre sentenças na forma de premissa e conclusão. Para resumir, *inferências materiais* são centrais para o quadro sellarsiano da linguagem.

Estas são distinguidas das *inferências formais* que resultam da forma lógica de sentenças como "Todos os As são Bs; Todos os Bs são Cs, portanto Todos os As são Cs". Inferências materiais são as

[840] Pattern-governed behavior exemplifies an abstract pattern or a part of a pattern, not as an instance of a causal law nor as mere happenstance nor as a result of self-consciously obeying a rule. This kind of complex behavior cannot be individuated except in terms of its place within an abstract pattern. Sellars' favored example of pattern-governed behavior is the dance of a bee that communicates the location of a field of nectar-bearing flowers. The particular movements of the bee are part of a complex dance, not accidentally, but essentially—they are performed because they are part of the dance. But this is done without a conception of the dance, without a set of instructions for how to perform it. Williams, 2014, p 193

inferências que resultam da contribuição do significado dos termos singulares para as sentenças conjuntas – como no exemplo "se há fogo há fumaça". Pertence ao conceito de fogo que ele produza fumaça. Mas como é que essas conexões vêm a ser estabelecidas como regras da linguagem se são fundamentalmente o resultado da observação?

Para Sellars, inferências materiais são codificadas pelo *vocabulário modal* – que afirma estados de coisas possíveis que podem ser o caso em conexão com aquilo a que os termos singulares estão se referindo. Cabe à linguagem manter sob controle o que é aceito como inferências válidas que são determinadas pela atribuição de propriedades modais aos termos que retratam os objetos reais. É nesse sentido que "o objeto teórico é sempre diferente do objeto 'real'", enquanto resultado do processo pelo qual observação e linguagem se juntam na atribuição de passes de inferência que permitem rastrear o comportamento dos candidatos reais aos quais os termos singulares cujo uso são determinados por estes passes se referem. Há uma *distância interna* entre o objeto teórico e o objeto real que é tendencialmente aproximada pela atribuição bem-sucedida de propriedades modais. Uma distância que é o produto da constituição linguístico-intencional tentativa do objeto, uma diferença que é indexada pelas relações *horizontais* conceito-conceito que codificam o uso do objeto teórico como um dispositivo de rastreamento através da relação *vertical* conceito-objeto dos movimentos do objeto real. Isto é mapeamento cognitivo no sentido Sellarsiano, descendendo de Tolman, e específico das formas humanas de cognição. Processo que produz *figurações* de mundo [*world pictures*] geradas pela linguagem, das quais emergem as cristalizações que Sellars chama de imagens manifesta e científica.

> Em outras palavras, em vez de justificar nomológicos por um apelo a enunciados observacionais cujos predicados teriam significado conceitual independentemente de qualquer compromisso com leis, o problema é antes o de decidir qual significado conceitual nosso vocabulário observacional deve possuir, sendo nosso objetivo manipular os três componentes básicos de uma figuração de mundo, (a) objetos e eventos observados, (b) objetos e eventos não observados e (c) conexões nomológicas; de modo a alcançar uma figuração de mundo com máxima 'coerência explicativa:' Nesta reconfiguração, nenhum item é sagrado. Por outro lado, é obviamente razoável preservar o status de conhecimento adquirido ["achievement status"] de tantas afirmações observacionais quanto possível, pois quanto mais preservamos, mais a figuração de mundo que selecionamos é "baseada em evidência observacional"[841]

[841] In other words, instead of justifying nomologicals by an appeal to observation statements the predicates of which would have conceptual meaning independently of any commitment to laws, the problem is rather that of deciding which conceptual meaning our observation vocabulary is to have, our aim being so to manipulate the three basic components of a world picture, (a) observed objects and events, (b) unobserved objects and events and (c) nomological connections; so as to achieve a world picture with a maximum of 'explanatory coherence:' In this reshuffle, no item is sacred. On the other hand, it is obviously reasonable to preserve the achievement status of as many observation claims as possible, for the more we preserve, the more the world picture we select is "based on observational evidence"s. Sellars 2007, p. 54

Devemos também ter em mente que estes são *atos*, construídos sobre uma infraestrutura de disposições padronizadas. Uma afirmação observacional é tanto a articulação de um conteúdo perceptual, rastreado através dos recursos da linguagem, quanto um conteúdo com qual se está *comprometido*, o que significa: ao considerar seu conteúdo verdadeiro, deve-se considerar as consequências do dito conteúdo também como verdadeiras, a menos que o conteúdo do compromisso original seja revisado tendo em vista a máxima coerência com um novo conjunto de consequências. Na teoria inferencialista do significado de Sellars, cada afirmação é um ato articulado dentro do espaço normativo que chamamos de espaço das razões, e cada sujeito é a constelação de compromissos que deve assumir ou abandonar ao longo do tempo.

Isso será crucial para outro lado do problema que estamos tratando, que agora pode ser enunciado em termos Sellarsianos como: qual é a conexão entre figurações de mundo e objetos reais? Note que por agora estamos apenas lidando, a princípio, com descrições *científicas,* mas o caráter normativamente carregado da linguagem descritiva recém-proposta pode ser trazido a incidir sobre outro motivo althusseriano, a *ideologia*.

V. Sobre a Ideologia

Em *Sobre a Reprodução*, Althusser lida de forma mais detida com o problema da ideologia. Ele enuncia duas teses importantes, a primeira das quais recebeu muita atenção enquanto a segunda quase nenhuma. A primeira já encontramos em nosso caminho: a ideologia é a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. A segunda é o objeto de nosso interesse agora: *a ideologia tem uma existência material.*

Em artigo recente, William Clare Roberts fornece algumas indicações sobre o conceito Althusseriano de ideologia, situando-o numa história deste conceito começando com a servidão voluntária de La Boétie, passando pelas formulações de Marx e Engels, particularmente em *A Ideologia Alemã*, e finalmente terminando com não uma, mas duas tradições que Roberts vê como descendendo de Lenin: a passa por Lukács e chega à Escola de Frankfurt, e a que passa através de Gramsci para Althusser. É a partir desse ponto que Roberts distingue duas linhas diferentes, uma mais idealista, a outra materialista.

> De particular importância foi a afirmação de Marx no Prefácio de 1859 de que, em relação a períodos de revolução social, "é sempre necessário distinguir entre a transformação material das condições econômicas de produção, que pode ser determinada com a precisão da ciência natural, e as formas legais, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas – em suma, ideológicas – nas quais os homens se tornam

> conscientes deste conflito e o combatem." A primeira coisa que Gramsci fez em seus cadernos do cárcere foi traduzir dois textos curtos de Marx para o italiano: as "Teses sobre Feuerbach" e o Prefácio de 1859. Em sua tradução da linha citada, como observa Jan Rehmann, Gramsci traduziu "formas ideológicas nas quais os homens se tornam conscientes deste conflito e o combatem" como "formas ideológicas sobre cujo terreno [nel cui terreno] os homens se tornam conscientes deste conflito e o combatem" (2014: 118). Segundo Rehmann, isso sinaliza a recusa de Gramsci em tratar as ideologias como "meras formas de consciência", e seu compromisso com a noção de que as ideologias são "uma 'realidade objetiva e efetiva', o terreno das 'superestruturas'" (2014: 118).[842]

Em nossa leitura, a concepção de Althusser da *Ideologia como material*, embora descendente de Gramsci, tenta mediar entre o elemento ideal nos *veres* que são filtrados através das chamadas lentes "ideológicas" que definem *veres-como* (no sentido de ver algo como algo, analogamente ao que foi examinado nas figurações de mundo Sellarsianas) e a dimensão da ideologia *como um fazer concreto*. Na teoria do Estado de Althusser, há dois tipos de aparelhos considerados responsáveis pela reprodução do modo de produção capitalista: os Aparelhos Repressivos de Estado – a polícia, a lei, etc – que exercem repressão direta sempre que há uma ameaça percebida à ordem existente; e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), tais como a escola, a igreja, a esfera cultural etc, que, em certo sentido, definem os *movimentos possíveis dentro dos espaços sociais delimitados e influenciados por eles*. Isto indica a função *subjetivadora* desses aparelhos, como meios através dos quais chegamos a nos ver como agentes determinados pela ideologia da igreja (como um sujeito cristão), a ideologia da escola (como um sujeito educado), a ideologia do sistema político (como um sujeito cidadão), etc. Esta é a dimensão prática e material da ideologia. A teoria da interpelação tenta conectar a constituição de um sujeito como um lócus de ações à sua determinação pelos aparelhos ideológicos de estado – jurídicos, religiosos, políticos, etc... A interpelação efetivada dentro desses espaços constitui essas subjetividades.

> Então,sugerimos que a ideologia “atua” ou “funciona” de tal modo que “recruta” sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos) ou “transforma” os indivíduos em

[842] Of particular importance was Marx’s claim in the 1859 Preface that, with regard to periods of social revolution, “it is always necessary to distinguish between the material transformation of the economic conditions of production, which can be determined with the precision of natural science, and the legal, political, religious, artistic or philosophic – in short, ideological forms in which men become conscious of this conflict and fight it out.” The first thing that Gramsci did in his prison notebooks was to translate two short texts of Marx into Italian: the “Theses on Feuerbach” and the 1859 Preface.[26] In his translation of the line above, as Jan Rehmann notes, Gramsci translated “ideological forms in which men become conscious of this conflict and fight it out” as “ideological forms on which terrain [nel cui terreno] men become conscious of this conflict and fight it out” (2014: 118). According to Rehmann, this signals Gramsci’s refusal to treat ideologies as “mere forms of consciousness,” and his commitment to the notion that ideologies are “an ‘objective and effective reality,’ the terrain of ‘superstructures’” (2014: 118). Roberts. “Ideology and self-emancipation: voluntary servitude, false consciousness and the career of critical social theory” *In* Boundary 2. 2024. https://www.boundary2.org/2024/05/william-clare-roberts-ideology-and-self-emancipation-voluntary-servitude-false-consciousness-and-the-career-of-critical-social-theory/

> sujeitos (transforma-os a todos) por essa operação muito precisa que designamos por *interpelação* que pode ser representada a partir do próprio tipo da mais banal interprelação policial (ou não) de todos os dias: “psiu, você aí!”[843]

Aproximando-se de nós, Roberts conecta o conceito de ideologia de Althusser ao conceito de Sellars do *espaço das razões*, alimentando-se de um artigo de Quill Kukla.

> A distinção de Althusser entre ideologia e ciência é análoga à distinção de Wilfrid Sellars entre fatos normativos e fatos empíricos. Quill Kukla, cuja atenção às semelhanças entre Sellars e Althusser é inovadora, observa que "fatos empíricos, para Sellars, são num sentido sempre normativos 'até o fim' [“all the way down], no sentido em que só podem fazer reivindicações determinadas e autoritativas sobre nós apenas quando os tomamos como normativamente relacionados a outros fatos" (2000: 209). Isto é análogo à afirmação de Althusser de que "não há prática [incluindo, obviamente, a prática científica] exceto por e numa ideologia" (1972: 170). E Sellars pretende distinguir fatos normativos de fatos empíricos e Althusser pretende distinguir ideologia de ciência. Como Kukla esclarece, "afirmar um fato normativo não é meramente descrever um estado de coisas, mas sim fazer um conjunto de demandas."[844]

Uma "demanda" é aqui uma maneira de interpretar a interpelação althusseriana em termos sellarsianos. O "Ei, você!" althusseriano que constitui alguém como um sujeito dentro de uma prática social, é aqui entendido em termos das exigências codificadas nas regras dos ditos espaços sociais. A comparação nos ajuda a chegar ao lugar certo, mas ainda não estamos lá.

> Dito isso, encurtemos nossa exposição, e vejamos o que se passa nos “indivíduos” que vivem na ideologia, isto é, em determinada representação do mundo (religiosa, moral, etc) cuja deformação imaginária depende de sua relação imaginária com suas condições de existência, isto é, em última instância, com as relações de produção (ideologia = relação imaginária com as relações reais). Nós diremos que essa relação imaginária é dotada em si mesma de uma existência material.[845]

Se Kukla enfatiza a proximidade do conceito Althusseriano de ideologia ao conceito Sellarsiano do *espaço das razões* e o faz em termos de ambos estarem ligados à normatividade, um par de propriedades os distingue para nós. Primeiramente, a insistência de Althusser na dimensão

[843] Althusser, 2008, p. 341

[844] Althusser’s distinction between ideology and science is analogous to Wilfrid Sellars’s distinction between normative facts and empirical facts. Quill Kukla, whose attention to the similarities between Sellars and Althusser is groundbreaking, notes that “empirical facts, for Sellars, are in a sense always normative ‘all the way down,’ in the sense that they can make determinate, authoritative claims on us only when we take them as normatively related to other facts” (2000: 209). This is analogous to Althusser’s claim that “there is no practice [including, obviously, scientific practice] except by and in an ideology” (1972: 170). And yet Sellars wants to distinguish normative from empirical facts and Althusser wants to distinguish ideology from science. As Kukla clarifies, “to state a normative fact is not merely to describe a state of affairs, but rather to make a set of demands.(Roberts, *op. cit*)

[845] Althusser, 2008, 243-44

material da ideologia parece à primeira vista em desacordo com a ideia de Sellars de que os recursos unicamente *lógicos* do espaço das razões geram imagens de mundo. Aqui, Althusser parece estar muito mais próximo de um relato *causal* do que de um *normativo* acerca do comportamento à maneira como Sellars o pretende com seu conceito. A ideologia é, num sentido, compelida pelos aparelhos de Estado, embora não necessariamente através de coerção direta, mas através da internalização do Capital como, por assim dizer, *o único jogo disponível.* Está mais próximo em espírito das disposições Quinianas para agir do que do comportamento racional plenamente desdobrado, embora certamente *termine eventualmente por ser justificado como racional* – ou, melhor dizendo, termine por ser *racionalizado*. Em segundo lugar, embora a ideologia possa estar mais próxima de um enraizamento pelo hábito do que de uma mudança racionalmente controlada na figuração de mundo, ela não é redutível às *demandas* que Kukla supõe estarem correlacionadas ao seu espaço social de origem. A ideologia não é apenas o conjunto de demandas, exigências, ou "fatos normativos" como Roberts/Kukla querem, mas é um *mundo-visto-através da subjetivação por essas demandas.* A ideologia também constitui figurações de mundo.

As soluções de Roberts e Kukla são aqui, num certo sentido, análogas a se reduzir a ideologia a *regras de ação* [“rules of action”]– "deves fazer A em B!". Devemos ter em mente que a ideologia é constituída também pelo que Sellars chama as *regras da crítica* [“rules of criticism”] associadas a uma certa prática – que não ordenam diretamente a alguém “fazer A em B”, mas a *comprometer-se com o enunciado de que o estado de coisas de A deve ocorrer quando B*. A diferença pode parecer sutil, mas se as regras de ação são expressas por um imperativo direto, as regras da crítica apenas supõem a necessidade que um estado de coisas específico no mundo ocorra quando também ocorram as condições relevantes. Elas constituem uma figuração do mundo na medida em que exigem que o mundo esteja em uma configuração descritiva específica. Isto é parte do *conteúdo empírico e ainda assim normativamente carregado* das imagens de mundo. Regras de ação são assim regras que ordenam alguém a fazer algo. Regras de crítica ordenam que um estado de coisas determinado deve ser atualizado, ou seja, que *as coisas devem estar assim*. Se as primeiras são ordens explicitas indicando um ato, as segundas são regras implícitas que codificam uma expectativa de que as coisas estejam naquele estado que resultaria da obediência às regras de ação.

> Sellars observa que estes dois tipos de regras estão conectados. Primeiro, para que haja regras de ação deve haver conformidade com regras de crítica. Se não exibíssemos regularidades, não poderíamos guiar nosso próprio comportamento por regras de ação. Segundo, a adoção de regras de crítica por um organismo possuidor de conceitos implica a existência de regras de ação para esse organismo. Por exemplo, podemos pensar em Emily como adotando uma regra de crítica, e pensando que ela

> deveria portanto adotar também uma regra de ação: 'O cachorro deve estar lá fora quando eu disser, então treinarei o cachorro para sair quando eu disser'.[846]

Segundo Chauncey Maher, uma saída para o paradoxo de Wittgenstein é oferecida aqui através da mediação das regras de crítica: não é preciso *ter a intenção de seguir uma regra* (de ação) explícita para se engajar na realização do estado suposto por regras de crítica. Se o paradoxo supunha ser necessária uma regra para dizer quando aplicar uma regra, a divisão entre regras de ação e regras da crítica replica a divisão entre normas e padrões. As regras da crítica supõem a necessidade de um estado de coisas determinado no mundo e não especificam *como* se chegar a este estado de coisas, embora possa *implicitamente* acarretar a adoção de uma regra de ação para chegar-se ao estado determinado pelas regras da crítica. Estas são aqui *a contraparte subjetiva do comportamento governado por padrão objetivamente determinado*. Se as regras *tout court* caracterizam o espaço das razões como tal, sendo responsáveis pela constituição das figurações de mundo através da mobilização de atribuições modais a conteúdos perceptuais, *regras de crítica/padrões oferecem a alavanca entre o espaço causal (dentro do qual o oferecido pela imagem científica como apresentamos) e o espaço normativo das razões plenamente desenvolvido.*

> Sellars sustenta que as regras da linguagem que governam um falante não podem ser todas regras de ação, pois isso desencadearia o regresso [das regras]. Além disso, ele sustenta que muitos de nossos usos (externos e internos) de palavras não são propriamente pensados como ações, entendidas como voluntárias ou deliberadas. Em vez disso, quando falamos, as palavras em geral simplesmente fluem. Isso parece especialmente verdadeiro para o pensamento (o análogo interno de nossos usos de palavras); não planejamos ou intencionamos o que pensar e só então pensamos. Com o comportamento governado por padrão e a distinção entre regras de ação e de crítica, parece que evitamos o regresso. É verdade que algumas regras da linguagem são regras de ação; quando as seguimos, nós as "obedecemos"; concebemo-las e pretendemos segui-las. No entanto, para muitas das regras da linguagem, quando as cumprimos, estamos engajados em comportamento governado por padrão; estamos cumprindo regras de crítica, não regras de ação. Tal conduta não requer conceber ou pretender seguir essas regras.[847]

---

[846] Sellars observes that these two types of rules are connected. First, for there to be rules of action there must be conformity with rules of criticism. If we did not exhibit regularities, we could not guide our own behavior by rules of action. Second, the adoption of rules of criticism by a concept possessing organism implies rules of action for that organism. For instance, we can think of Emily as espousing a rule of criticism, and reasoning that she should adopt a rule of action: ‘The dog ought to go outside when I say so, thus I will train the dog to go outside when I say so. Maher., 2012, p. 52

[847] Sellars maintains that the rules of language governing a speaker cannot all be rules of action, for that would spark the regress. Furthermore, he maintains that many of our uses of words (outwardly and inwardly) are not properly thought of as actions, understood as voluntary or deliberate actions. Rather, when we speak, words often simply flow forth. That seems especially true of thinking (the inner analog of our uses of words); we do not plan or intend what to think and then think it. With pattern-governed behavior and the distinction between rules of action and criticism, we seem to avert the regress. It is true that some rules of language are rules of action; when we follow them, we “obey” them; we conceive of them and intend to follow them. However, for many of the rules of language, when we abide by them, we are engaged in pattern

Esta alavanca será de suma importância em nossa leitura do que constitui então o espaço do capital.

VI. No Espaço do Capital

Não é apenas o regresso que é evitado com a adoção da díade regras de ação/de crítica, mas ganhamos uma nova compreensão da dinâmica da ideologia no contexto do pensamento de Althusser. Como temos insistido, há duas teses importantes sobre ideologia:

TESE I: A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.
E:
TESE II: A ideologia tem uma existência material.

A primeira pode ser interpretada como a *subjetivação* que é efetivada por meio da ideologia. Mas permanece obscura se não for conjugada com a tese 2, aqui interpretada de maneira Sellarsiana: 'Ideologia é material' significa que a ideologia é um conjunto de *fazeres*. E fazeres estão conjugados com figurações de mundo pela assignação de propriedades modais no lado objetivo e assunção de passes de inferência [“inference tickets”] no lado subjetivo. Isto significa que o reconhecimento de propriedades é aqui refletido em *performances* determinadas. Até aqui vimos a conexão entre subjetivação e materialidade. E quanto ao caráter ideológico?

Althusser entende o caráter material da ideologia como estando sempre conectado a espaços sociais específicos que, segundo sua tese sobre a reprodução, são uma função da manutenção do capital. Assim, a interpelação não é tanto o mero reconhecimento da existência de um sujeito, mas a constituição de um sujeito *conforme esses espaços*. A ideologia constitui assim um conjunto de *regras da crítica* que implicam formas de ação destinadas a manter a *forma do mundo* implicada por estes espaços. É uma prática material no sentido de que produz um conjunto de comportamentos correlacionados ao reconhecimento de existência de *agentes imputáveis*. Um agente *imputável* é aquele que pode ser *responsabilizado* por sua performance, reforçando o caráter de *sujeito* deste agente

governed behavior; we are abiding by rules of criticism, not rules of action. Such conduct does not require conceiving of or intending to follow those rules. (*Idem*)

determinado pela interpelação. Um sujeito liberal clássico é produzido pela interseção e/ou eventual superposição[848] dessas diferentes figuras do sujeito implicadas por esses espaços sociais concretos:

- AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas),
- AIE educacional (o sistema das diferentes "Escolas" públicas e privadas),
- AIE familiar,
- AIE jurídico,
- AIE político (o sistema político, incluindo os diferentes Partidos),
- AIE sindical,
- AIE de informação (imprensa escrita, rádio-TV, etc) ,
- AIE cultural (Letras, Belas-Artes, esporte, etc.)[849]

Isto tem consequências para o que considerei ser uma questão um tanto inaugural para o projeto do Marxismo Pós-Sellarsiano[850] perseguido aqui: a questão "É o Capitalismo um Espaço de Razões?" formulada por Justin Evans.[851] A resposta é: se Razão é entendida aqui como incluindo os padrões e regras de crítica que estão em sua base, a resposta é *sim*, no sentido de que há uma lógica própria do capital que engendra formas localmente justificadas de comportamento. Há uma racionalidade do comportamento que consiste com esse conjunto de padrões determinado pelo capitalismo. Mas se a questão é colocada ao nível da *racionalidade desses próprios padrões*, um entendimento que o questionar Hegeliano de Evans implica, a resposta é *não*, pois o que a teoria aqui oferecida implica é que o espaço da racionalidade no capitalismo é "estriado" por essas formas de subjetivação que obedecem à lógica heterônoma da própria reprodução do Capital, em vez de qualquer dinâmica autoengendrada da Razão considerada acima e independentemente desses processos reprodutivos.
Isto, naturalmente, coloca um limite à "escolha" de figurações de mundo como Sellars as propôs. 'Figurações de mundo' são parcialmente determinadas pelo funcionamento da ciência (histórica) e da prática ideológica e parcialmente determinadas na estriagem de mundos sociais determinado pela

[848] Eu digo **interseção** se as diferentes determinações dentro de cada esfera social que constituem um sujeito resultante forem consistentes entre si. A **superposição** ocorre quando há inconsistência entre as diferentes figuras do sujeito aí determinadas. Isso significa que o mundo social não é necessariamente logicamente consistente, mas ainda assim nos leva a decidir na prática sobre a prevalência de um ou de outro conjunto de compromissos que acompanham cada espaço social subjetivante. A consistência não é dada
[849] Althusser, 2008, p. 314
[850] Ver meu "Abstração Real e o Dado" https://criseecritica.com/wp-content/uploads/2023/06/08.2023.CRISE-E-CRITICA-A-ABSTRACAO-REAL-E-O-DADO.pdf
[851] Evans,2020.

dinâmica do modo de produção. O ponto exato de determinação do sujeito pelo Capital deve ser buscado no intervalo entre o primeiro e a segunda. Algo que o método de Jameson já havia reconhecido na historicidade dos mapas cognitivos possíveis.

> A fórmula althusseriana, em outras palavras, designa uma brecha, uma fenda, entre a experiência existencial e o conhecimento científico. A ideologia tem, então, de algum modo inventar urna maneira de articular essas duas dimensões distintas. O que uma visão historicista dessa definição teria que acrescentar é que tal coordenação, a produção de ideologias funcionais e vivenciais, é distinta em diferentes situações históricas e, acima de tudo, que pode haver situações históricas em que isso não é possível de modo algum - e essa parece ser a nossa situação na crise em que vivemos.[852]

E quanto à ciência? Aqui é também Jameson que pode oferecer alguma ajuda. Mencionando o conceito de mapa cognitivo de Lynch, ele diz:

> Os sujeitos de Lynch estão claramente envolvidos em operações pré-cartográficas cujos resultados são tradicionalmente descritos antes como itinerários do que como mapas: diagramas organizados em torno de uma jornada existencial ainda baseada no sujeito, trazem bem marcadas todas as características fundamentais – oásis, alturas das montanhas, rios, monumentos e outros[853]

Mas embora esse possa ser o caso, Jameson oferece o exemplo da construção de mapas náuticos como uma sofisticação dessa *imagem manifesta* centrada no sujeito proposta por Lynch.

> Isso porque os novos instrumentos – o compasso, o sextante e o teodolito – correspondem não apenas a novos problemas de geografia e de navegação (a dificuldade de determinar a longitude, especialmente na superfície curva do planeta, em oposição ao problema mais simples da latitude, que os navegantes europeus ainda podem determinar empiricamente através da inspeção ocular da costa da África); eles também introduzem uma coordenada inteiramente nova: a relação com a totalidade, mediada particularmente pelas estrelas e por novas operações como a triangulação. Nesse ponto, o mapeamento cognitivo no sentido mais amplo passa a exigir a coordenação de dados da existência (a posição empírica do sujeito) com concepções não vividas, abstratas, da totalidade geográfica.[854]

Aqui encontramos não tanto uma ruptura com a prática anterior, mas uma alavancagem, a partir de formas anteriores de localização, para novas formas de localização que são tendencialmente menos dependentes do sujeito. Num sentido, encontramos uma redefinição da ruptura epistemológica como sempre já acontecendo sempre que novas coordenadas venham redefinir o escopo dos instrumentos de

[852] Jameson, 1997, p.79
[853] *Idem* p. 77
[854] *Idem* p. 78

medição existentes. Num sentido, se renunciarmos aos recursos *postulacionais* como único critério da imagem científica, encontramos aqui em Jameson algo como o quadro Sellarsiano de progresso em direção a uma imagem científica acabada inatingível. Inatingível na exata proporção da presença inextricável da ideologia na determinação de nossas ações cognitivas. Um uma presença que é *um* com os fazeres práticos que são sempre parte integrante do empreendimento científico.

> Pois o 'Real' nesta visão é concebido, nem como uma coisa-em-si incognoscível, nem como uma sequência de eventos ou conjunto de fatos que se pode conhecer diretamente na forma de uma representação "verdadeira" ou "adequada" para a consciência. É antes um fenômeno assintótico, um limite externo, que o sujeito aborda na ansiedade de um momento de verdade – momentos de crise pessoal e da agonizante polarização política de situações revolucionárias; e de tal aproximação ao Real o sujeito então tende a recuar novamente, na melhor das hipóteses de posse de esquemas abstratos ou puramente intelectuais, quando não de representações narrativas pessoalmente carregadas.[855]

Em sintonia com a ideia de Jameson, o que está em jogo aqui não é apenas uma visão estereoscópica teórica, mas uma visão prática na qual os desdobramentos imanentes detectados por meio de figurações de mundo localizadas (científicas) encontram-se com a capacidade de intervir politicamente nessas imagens, o que implica o reconhecimento intrínseco da materialidade do nosso envolvimento nessa mesma imagem global. Materialidade que já é sempre parte do engajamento prático do qual a linguagem é um produto refinado. A dialética entre a ciência como coerência descritiva e a ideologia como determinação prática vinculada a uma imagem figurada do mundo é restabelecida.

VII. Das imagens de mundo a um sistema-mundo

Faz-se necessária uma palavra final sobre a práxis. Se a perspectiva de cognição completa da totalidade está limitada pelas especificidades das formas de vida nas quais estamos enredados enquanto espaços sociais engendrados pela reprodução do todo; é a práxis que pode, num cenário ideal, implicar cognição adequada da realidade. A cognição adequada viria apenas com a transformação no tecido da vida prática e dos espaços estriados que a constrangem. Esta é uma abordagem temporalizada que

[855] For the 'Real' on this view is conceived, neither as an unknowable thing-in-itself, nor as a string of events or set of facts you can know directly in the form of some "true" or "adequate" representation for consciousness. It is rather an asymptotic phenomenon, an outer limit, which the subject approaches in the anxiety of the moment of truth—moments of personal crisis and of the agonizing political polarization of revolutionary situations; and from such an approach to the Real the subject then tends to retreat again, at best in possession of abstract or purely intellectual schemata when not of personally charged narrative representations (Jameson. 1979. p. 12)

conecta pensar e fazer ao longo de uma história das formações sociais e suas capacidades cognitivas. Uma estrutura temporalizada que envolve a *espacialidade do todo* como preconizaria o mapeamento cognitivo.

Comentando em citação anterior a impossibilidade de um mapeamento na situação atual, Jameson não considera o ponto de vista da periferia.

> Não são questões meramente questões teóricas; elas têm consequências práticas e políticas urgentes, como se evidencia na sensação convencional que têm os sujeitos do Primeiro Mundo de habitar uma "sociedade pós-industrial" da onde desapareceu a produção tradicional e onde não existem mais as classe sociais do tipo clássico – uma convicção que tem efeitos imediatos na práxis política[856]

A nossa aposta, a ser desenvolvida em outros ensaios[857], é que uma práxis cognitivo-política adequada teria que envolver a diferença entre centro e periferia do sistema. Se a estrutura temporal envolve o caráter espacial do todo tal como este se manifesta através dos sucessos e fracassos de figuração no mapeamento cognitivo; a expansão espacial do lado do real concreto envelopa uma relação temporal com o futuro.

> Autores como Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Immanuel Wallerstein, entre outros, ajudaram a esclarecer que os elementos "atrasados" nessas formações sociais periféricas não eram resquícios acidentais ou contingentes de seu passado: quando vistos do ponto de vista dos "sistemas-mundo" e do sistema internacional de relações de poder conectando países de primeiro e terceiro mundo, traços como estruturas explícitas de apartheid, regimes híbridos de escravidão e trabalho assalariado, a superexploração sistemática da força de trabalho, todos apareciam como partes funcionais do próprio capitalismo, desempenhando um papel crucial na manutenção da dominação imperialista. O que a tese da periferização faz é adicionar outra reviravolta à teoria da dependência: ela afirma que esses aspectos heterogêneos das formações sociais periféricas não são apenas partes funcionais de sua integração na dinâmica capitalista global, mas constituem o terreno mais fértil para as novas formas de acumulação capitalista hoje. Como consequência, em vez da lenta expansão do estado de bem-estar social, da ideologia liberal e da democracia de baixa intensidade, trazendo características de países capitalistas avançados para os periféricos, é o hibridismo social, a heterogeneidade conflituosa e a tipologia do trabalho informal que foi "criada" nessas formações periféricas que agora se expande em direção ao centro.[858]

---

[856] Jameson, 1997, p. 78

[857] Ver sobre isto neste número o ensaio “A divisão da divisão do trabalho”. Ver também Caron 2023b.

[858] Authors such as Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Immanuel Wallerstein6, amongst others, helped to clarify that the “backward” elements in these peripheral social formations were not accidental or contingent remnants of their past: when seen from the standpoint of “world-systems” and the international system of power relations connecting first- and third-world countries, traits such as explicit apartheid structures, hybrid regimes of slavery and wage-labor, the systematic overexploitation of workforce, all appeared as functional parts of capitalism itself, playing a crucial role in the maintenance of imperialist domination. What the peripherization thesis does is to add another twist to dependence theory: it claims that these heterogeneous aspects of peripheric social formations are not only functional parts of their integration into the global capitalist dynamics but rather constitute the most fertile ground for the new forms of capitalist accumulation today. As a consequence, rather than the slow expansion of welfare-statism, liberal ideology and low-intensity democracy, bringing characteristics of advanced capitalist countries to peripheral ones, it is the social hybridism, the conflictual heterogeneity

De acordo com a tese da periferização, não há cancelamento do futuro, mas uma experimentação pelo Capital nas fronteiras do sistema mundial que pode oferecer ao centro um vislumbre de seu próprio futuro.[859] Isto oferece ao mapeamento cognitivo um novo desafio. Mas esta é uma percepção a ser desenvolvida num tempo e espaço diferentes.

Bibliografia

Althusser, Louis *et al*. 1973, *Lire le Capital*. *Tome I* Paris, François Maspero.

Althusser, Louis, 2008. *Sobre a reprodução*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo, Vozes.

Althusser, Louis 2015. *Por Marx*. Tradução: Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, Editora Unicamp

Brandom. 2014, *From Empiricism to Expressivism. Brandom reads Sellars.* Pittsburgh University Press

Caron, Jean-Pierre 2023a, "A Abstração Real e o Dado" *In*. *Crise e Crítica V3 N3*. https://criseecritica.com/wp-content/uploads/2023/06/08.2023.CRISE-E-CRITICA-A-ABSTRACAO-REAL-E-O-DADO.pdf
Caron, Jean-Pierre 2023b, "Vertigens da Referência. Sobre Formação e Desconstrução de Paulo Arantes" *In: Estilhaço*. https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/vertigensdareferencia

Evans, Justin, 2020, "Capitalism as a space of reasons: Analytic, neo-Hegelian Marxism?" *In Philosophy and Social Criticism1–25*.

Jameson, Fredric, 1979, *Fables of Aggression. Wyndham Lewis: the modernist as fascist.* University of California press

Jameson, Fredric 1997. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo, Ática.

Jameson, Fredric. 2021, "Mapeamento Cognitivo" Tradução: Luisa Marques e Gabriel Tupinambá. *In: Revista Porto Alegre*. https://www.revistaportoalegre.com/mapeamento-cognitivo/

and the typology of informal labor that was "bred" in these these peripheric formations which now expands itself towards the center. (STP. "Working through political organizations" *In: Crisis and Critique* volume 9, issue 2. p 331 https://www.crisiscritique.org/storage/app/media/nov-25/subset-of-theoretical-practice.pdf)

[859] ver Caron 2023.

Mahe, Chauncey, 2012, *The Pittsburgh School of philosophy. Sellars, McDowell, Brandom*. Londres, Routledge.

Roberts, William Clare, 2024, "Ideology and self-emancipation: voluntary servitude, false consciousness and the career of critical social theory" *In: Boundary 2*. https://www.boundary2.org/2024/05/william-clare-roberts-ideology-and-self-emancipation-voluntary-servitude-false-consciousness-and-the-career-of-critical-social-theory/

Sachs, Carl 2022, 'A cybernetic theory of persons: how Sellars naturalized Kant', Philosophical Inquiries, 10, 1, 97\--124.

Sellars, Wilfrid. 2003. *Empirismo e filosofia da mente*. Tradução: Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis, Vozes.

Sellars. Wilfrid. 2007 "Philosophy and the Scientific Image of Man". *In*: Brandom, R. & Sharp, K. *In the space of reasons. Selected essays of Wilfrid Sellars*. Harvard University Press,

Sellars, Wilfrid, 2007 "Some reflections on language games" *In*: Brandom, R. & Sharp, K. *In the space of reasons. Selected essays of Wilfrid Sellars*. Harvard University Press,

Subset of Theoretical Practice 2021 “Atlas of Experimental Politics” *In: SUM. Journal for Contemporary Art Criticism and Theory. Issue #17-Meta-futures:2313-2417* https://www.sum.si/journal-articles/atlas-of-experimental-politics

Subset of Theoretical Practice 2022 “Working through political organization: Current results of the Subset of Theoretical Practice (2021-22)” *In: Crisis & Critique Volume 9 / Issue 2, 25-11-2022:328-371* https://www.crisiscritique.org/uploads/25112022/subset-of-theoretical-practice.pdf

Williams, Meredith, 2014, *Blind Obedience. Paradox and learning in later Wittgenstein*. Londres, Routledge.

Wittgenstein, Ludwig.2022, *Investigações Filosóficas* Tradução Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo, Editora Fósforo.